

A ATIVIDADE SUPERVISIVA EM ESTÁGIO DE MATEMÁTICA SOB O OLHAR DE QUATRO SUPERVISORES EXPERIENTES

The Supervisory Activity In Mathematics Internship From The Perspectives Of Four Experienced Supervisors

Juliano Pereira da **SILVA**
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
julianops@ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-4405-0152>

Samira **ZAIDAN**
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
samira@fae.ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0001-7163-5546>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado é considerado uma fase da formação de grande importância para aproximação do estagiário de sua futura prática docente e segue sendo abordado em diversas pesquisas. Entretanto, detectamos que a atividade supervisiva não tem sido explorada nessas pesquisas e carece de clareza em suas atribuições (Maciel, 2015; Benites, Sarti e Neto, 2015). Com o intuito de compreender como se compõe e estabelece essa atividade, realizamos entrevistas semiestruturadas (Boni, Quaresma, 2005) com quatro professores de matemática da Educação Básica, experientes na supervisão de estagiários em suas salas de aula. Realizamos uma análise comparativa entre esses depoimentos e, resumidamente, encontramos: a) a compreensão dos supervisores de sua atividade como aproximação dos estagiários da prática docente, mas falta clareza do que consiste a atividade supervisiva; b) ausência de diálogo entre as instituições universidade e escola campo; c) falta de incentivo e condições para o exercício de tal atividade.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado; Atividade Supervisiva; Educação Matemática

ABSTRACT

The Supervised Curricular Internship is considered a training phase of great importance to bring the intern closer to their future teaching practice and persists in being addressed in several studies. However, we observed that the supervisory activity lacks clarity in its attributions and has not been explored in these studies (Maciel, 2015; Benites, Sarti, and Neto, 2015). To apprehend how this activity is arranged and established, we performed semi-structured interviews (Boni, Quaresma, 2005) with four mathematics teachers from Secondary Education who were proficient in supervising teaching interns in their classrooms. We carried out a comparative analysis among the statements of the teachers and summarized what we found: a) the supervisors' understanding of their activity as an approximation of interns to teaching practice, though there is a lack of clarity of what supervisory activity consists of; b) absence of dialogue between institutions - the university and the school (training setting); c) deficiency of incentive and conditions for the practice of such activity.

Keywords: Supervised Curricular Internship; Supervisory Activity; Mathematics Education

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) tem sido considerado uma fase ímpar de formação do licenciando de matemática, por aproximar o estudante de sua futura prática profissional. Encontramos três revisões bibliográficas ou estados da arte que versam sobre o assunto, são eles de Teixeira e Cyrino (2013), Lopes, Paiva, Pereira, Pozebon e Cedro (2017) e Barbosa e Lopes (2021) que abrangem as produções dos anos de 1995 a 2010, de 2001 a 2012 e de 2013 a 2019, respectivamente. Em uma análise quantitativa, percorrendo os períodos que são abarcados em ordem cronológica desses estudos, observamos os seguintes números: 20, 21 e 45 produções acadêmicas, o que demonstra o aumento de trabalhos com o olhar voltado para o ECS nos últimos anos. Majoritariamente, as produções descritas nessas revisões se ocupam de trazer à tona os aprendizados, reflexões e ressignificações que os estagiários conseguem e realizam no momento em que estão em contato com sua futura prática profissional.

Nosso interesse, neste estudo, direciona-se para a atividade do Supervisor de Matemática, o professor da Educação Básica que recebe o estagiário em suas salas de aula. De acordo com as revisões citadas, poucos trabalhos se voltam para a compreensão desta atividade supervisiva. Nos trabalhos analisados por Barbosa e Lopes, há “4 estudos sobre o professor-formador (8,9%).” (Barbosa e Lopes, 2021, p. 5), e, desses, apenas um versa sobre o Professor Supervisor: o de Gonçalves Júnior (2015), e os outros destacam o Professor Orientador da Instituição de Ensino Superior, que leciona o ECS.

Sobre a pouca produção de pesquisas nesse âmbito, Maciel (2015) descreve o fato em sua tese “No tocante às aprendizagens do professor supervisor e à sua atuação como formador de professores, o número reduzido de estudos demonstra quão carente de análise e produção de conhecimento esta área padece” (Maciel, 2015, p. 23). Ainda, segundo a mesma autora, “A supervisão de estágios, entretanto, ainda não recebeu a devida atenção. Uma evidência dessa afirmação é a quantidade de estudos envolvendo o professor supervisor e seu papel na formação de futuros professores, (...)” (Maciel, 2015 p. 47).

Benites, Sarti e Neto (2015) realizaram uma revisão da literatura nacional e internacional sobre o Professor Supervisor e como tem acontecido o ECS. As conclusões a que chegaram demonstram a necessidade da realização de pesquisas, principalmente em âmbito nacional, sobre o papel do Professor Supervisor e o seu desenvolvimento profissional e formativo durante a atividade supervisiva. Esse professor carece de um

esclarecimento sobre o que é dele esperado como Supervisor, que exige um maior envolvimento da Universidade neste processo, concomitante ao que acontece nas suas aulas, além de reivindicar o reconhecimento de seu papel como formador e, assim, poder participar da tomada de decisões na Formação Profissional Docente. Para tanto, os pesquisadores indicam, de forma urgente, a formulação de políticas públicas que se empenhem em reconhecer o papel docente do Supervisor, também, como Formador.

O Estágio Curricular Supervisionado (ECS) está contemplado nos pareceres do Conselho Nacional de Educação que norteiam os cursos de Licenciatura no Brasil, como disciplina obrigatória na formação universitária do futuro professor, das diversas disciplinas da Educação Básica. Porém, há uma escassez nesses documentos do que se refere à atividade desenvolvida pelo supervisor, segundo Benites, Sarti e Neto (2015):

O estágio supervisionado é focalizado em vários documentos norteadores para a licenciatura no Brasil (Parecer CNE/CP n. 9/2001, Parecer CNE/CP n. 27/2001, Parecer CNE/CP n. 28/2001, Resolução CNE/CP n. 1/2002, Resolução CNE/CP n. 2/2002 e Referencial para a Formação de Professores de 2002) sem que, no entanto, questões relativas aos professores colaboradores sejam mencionadas. (Benites, Sarti e Neto, 2015, p. 102)

Os autores utilizam o termo professor colaborador para o que nós assumimos, até agora, como professor supervisor, mais adiante trataremos, com mais atenção, dessas denominações. Detemo-nos, agora, ao fato de que esses documentos não apontam as atividades que se colocam a cargo do Supervisor. O Parecer CNE/CP n. 27/2001 apresenta apontamentos sobre como deve se estabelecer a relação entre a instituição formadora e a escola de educação básica, de forma mais esclarecedora. Segundo o Parecer CNE/CP n. 27/2001,

Para tanto, é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. (Brasil, 2001b, p. 1)

A relação dialógica entre a universidade e a escola básica é colocada como ponto fundamental de estabelecimento do seu papel formativo para cada uma delas, ou seja, espera-se que um projeto claro e traçado de forma profissional entre as instituições preconize as ações de cada agente da formação em questão. Além disso, espera-se que esse diálogo aconteça de forma cooperativa e responsável, beneficiando o estagiário que circula entre ambas as instituições. Porém, não há indícios, no parecer, de quais as funções

que se designam para o Orientador da Universidade e Supervisor da escola de campo, deixando ainda, às escuras, as responsabilidades de cada um deles.

A lei dos estágios, Lei n. 11.788/2008, mais recente que o último parecer citado, apesar de designar, às instituições e ao próprio estagiário, seus direitos e deveres, ainda não esclarece o papel do supervisor como receptor na escola de campo. Dessa forma, apesar de constar em leis e nos pareceres do Conselho Nacional de Educação, há muito ainda em termos legais e normativos para se determinar sobre o papel do estágio na formação do profissional, além da designação das responsabilidades e funções dos agentes que atuam para o seu funcionamento.

Nosso objetivo com este estudo foi o de compreender e, supostamente, conseguir descrever a atividade supervisiva como um conjunto de ações que se espera que o Supervisor assuma ao receber o estagiário em suas salas de aula de matemática. Dizemos supostamente, pois essas ações estão sujeitas a diversas imersões e contextos que, nem sempre, serão necessárias ou suficientes para cada supervisor. Na consecução dessa finalidade, utilizamos da ferramenta de entrevistas semiestruturadas com quatro professores já experientes na recepção de licenciandos em formação. Mais adiante, descreveremos melhor esses sujeitos e nossos métodos; queremos, antes, situar os atores que compõem o ECS na sua totalidade, o que se apresenta na próxima seção.

2 OS ATORES DO ECS: A TRÍADE SUPERVISOR, ORIENTADOR E ESTAGIÁRIO

O ECS, como disciplina, tem sido considerado atividade de suma importância na formação teórico-prática do licenciando, aproximando-se da prática profissional do futuro docente, como discorrem Fiorentini e Castro (2003, p.123):

(...) essas disciplinas vêm sendo concebidas por seus docentes como instância experiencial de formação que interliga ação, reflexão e investigação, configurando-se, portanto, em um momento fundamental da formação do professor no qual os saberes, as ideias e os valores relativos à profissão docentes são problematizados e ressignificados.

É nítida a importância dada pelos estudos e pesquisas sobre a influência do estágio na formação inicial. Entretanto, o olhar dessas pesquisas se volta, majoritariamente, para o licenciando, e pouco se discute sobre o papel, funções e formação que acontecem, nesse

contexto, do professor supervisor, que recebe o estagiário em suas turmas da escola na Educação Básica. Segundo Benites, Santi e Neto (2015, p.102), sobre as investigações acerca do Estágio Curricular:

(...) apesar da proliferação discursiva sobre o tema, não se encontram discussões mais elaboradas sobre as necessidades e possibilidades de formação relativas ao exercício da função de professor colaborador, docente da educação básica que recebe os estagiários em sua classe para a realização do estágio.

Nosso olhar, nesta pesquisa, direciona-se para esse professor que recebe, em suas salas de aula da Educação Básica, o licenciando, oriundo do curso de Licenciatura em Matemática, para a realização do ECS. Nas leituras que realizamos, encontramos uma diversidade de denominações para esse professor. Para Gonçalves (2016), esse professor recebe o nome de Supervisor; já para Milanesi (2012), professor Regente; para Muniz, Teixeira Junior e Silva (2017), professor Orientador da Educação Básica, e para Benites, Sarti e Neto (2015), professor Colaborador, além de afirmarem que:

No cenário brasileiro, a figura desse professor ainda é pouco definida e não assume denominações mais específicas. Nas diferentes propostas formativas em que aparece, ele recebe denominações diversas: tutor, mentor, professor associado, participante, orientador, parceiro. (Benites, Sarti e Neto, 2015, p. 105)

Diante do exposto, desejamos nomear os três atores principais do ECS, para que não cause confusão ao nosso interlocutor, a quem nos referimos, ao longo da leitura do texto. Ao professor que leciona a disciplina de ECS na Universidade, denominamos Orientador, de acordo com o Programa Residência Pedagógica, portaria^o 38, de 28 de fevereiro de 2018 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. O professor da Educação Básica, que recebe o estagiário em suas aulas, será denominado de Supervisor, de acordo com a legislação vigente para O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, decreto nº 7219 de 24 de junho de 2010. Por fim, nosso terceiro ator, o estudante da Licenciatura que cursa a disciplina de ECS, será denominado de Estagiário ou Licenciando. Vale ressaltar que não há um ordenamento por importância entre esses atores, todos são fundamentais para a consecução dos objetivos do Estágio.

3 OS SUJEITOS E NOSSA METODOLOGIA

Os quatro professores que entrevistamos foram encontrados por meio de uma lista de supervisores fornecida pela professora responsável pela disciplina de ECS da Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais. Mantendo o caráter ético da pesquisa, designamos os Sujeitos por nomes diferentes dos seus¹. Ana é uma supervisora de 35 anos, leciona matemática há 15 anos, atuando nas redes públicas das esferas estadual e municipal, além da rede particular. Ela está cursando o seu Mestrado em Educação Matemática, além de ter diferentes especializações e experiência de, pelo menos, quatro semestres na recepção de estagiários. Bia é uma supervisora de 39 anos, Doutora em Educação, leciona há 19 anos, trabalha atualmente na esfera pública federal, costuma receber de dois a três estagiários por semestre em um período de 10 anos. Carla é uma supervisora de 57 anos, Doutora em Matemática, tem mais de 30 anos de docência, dos quais 28 anos exercidos na esfera pública federal. Ela costuma receber dois estagiários por semestre e relatou que, ao longo de sua carreira na rede federal, recebeu estagiários em quase todos esses anos. Diego é um supervisor de 43 anos, Mestre em Matemática, leciona há 18 anos, atuando na rede estadual, além de já ter lecionado na rede particular e na rede pública federal. Ele recebe estagiários há, mais ou menos, cinco anos. Exceto a professora Ana, que se formou em uma universidade privada de Belo Horizonte, os outros três supervisores têm Licenciatura em Matemática pela UFMG. Destacamos esse fato, pois, aspectos de suas formações são citados nos depoimentos. Esses supervisores recebem licenciandos em Matemática da UFMG, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Baseados na experiência da Supervisão em Matemática desses quatro professores, todos atuando na rede pública na cidade de Belo Horizonte, buscamos a compreensão de como se constitui e quais as ações compõem a atividade supervisiva. Com o intuito de ter um contato direto com esses Supervisores, escolhemos realizar entrevistas, pelas diversas possibilidades em “fazer emergir aspectos que não são normalmente contemplados por um simples questionário” (Fiorentini e Lorenzato, 2006, p.120). A entrevista nos possibilita estar frente a frente com nosso depoente, e como, ao longo das respostas, poderiam emergir aspectos não contemplados em nossas perguntas, escolhemos realizá-la de forma

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – CEP – UFMG Parecer nº 5.824.525

semiestruturada, pois, assim, podemos vislumbrar, com novas perguntas e inquietações, horizontes que ainda não havíamos pensado.

(...) pois o pesquisador, pretendendo aprofundar-se sobre um fenômeno ou questão específica, organiza um roteiro de pontos a serem contemplados durante a entrevista, podendo, de acordo com o desenvolvimento da entrevista, alterar a ordem dos mesmos e, inclusive, formular questões não previstas inicialmente. (Fiorentini e Lorenzato, 2006, p.121)

O entrevistado pode suscitar reflexões importantes e, por isso, nosso intuito era deixá-lo o mais confortável possível, de forma que suas repostas fossem espontâneas, pois “As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa” (Boni e Quaresma, 2005, p.75).

Na realização das entrevistas, utilizamos gravadores digitais, assim, após a coleta de dados, encarregamo-nos de transcrever e efetuar o processo de textualização, que “é um processo de rearticulação discursiva, propositalmente realizado pelo pesquisador a partir do texto gerado pela gravação. Um procedimento de detecção e preenchimento de lacunas, de exclusão de vícios da oralidade, de reordenação — reorganização — do relato.” (Garnica, 2008, p. 504).

A análise dos textos com os depoimentos dos quatro supervisores aconteceu de forma comparativa, por meio de buscas por focos de proximidades entre as falas e na identificação de experiências individuais significativas que nos auxiliem na compreensão da atividade supervisiva. Conseguimos, dessa forma, organizar unidades de análise de tal atividade que será apresentada nas próximas seções.

4 A ATIVIDADE SUPERVISIVA: DESCREVENDO CENÁRIOS E AÇÕES

Inquirimos os supervisores sobre o porquê de aceitarem receber estagiários em suas salas de aula e, em unanimidade, parte da resposta residia no fato de que aquele é o momento da formação inicial em que reconhecem que o estudante da licenciatura entra em contato com a essência de sua futura prática profissional. Essa afirmação coloca em questão como o conhecimento da prática profissional é construído na licenciatura durante o curso das disciplinas na universidade, visto que todos disseram que é no estágio que o aluno lida com as questões docentes de forma prática. Dessa forma, ficou implícito, em

seus depoimentos, a desvinculação entre a teoria e as (possíveis) práticas mediadas nas disciplinas e o que, realmente, acontece no cotidiano escolar. Entretanto, explicitamente, alguns depoentes o fizeram, como lemos a seguir:

Bia: Então, assim, hoje eu vejo que o que a gente consegue ajudar muito os estudantes estagiários que a gente recebe na sala de aula é na questão didática, do dia a dia escolar, que muitas vezes a gente na graduação não tem esse tipo de aula específica, de como lidar com o aluno, como se portar em sala de aula, como ensinar, e principalmente comportamentos.

(Depoimento da Supervisora Bia)

O reconhecimento implícito ou explícito do distanciamento entre os saberes e conhecimentos mediados no curso de licenciatura e os que são utilizados na prática docente na Educação Básica sugere, de acordo com os depoimentos, que a atividade supervisiva se compõe da apresentação e da permissão da vivência aos estagiários da prática do supervisor e do cotidiano escolar. Encontramos, em uma das falas, o seguinte relato da permissão, pelo supervisor, para que o estagiário estivesse em atividade docente.

Carla: Eles pedem para poder..., já teve várias vezes, por exemplo, que eles falaram assim 'eu acho que é muito difícil elaborar uma prova, eu queria ver como que é elaborar uma prova, que deve ser muito difícil'. Então eles pedem para se engajar em todas as atividades de professor e aí com isso, eu acho que eles me ajudam nas minhas atividades, que trazem ideias diferentes das minhas, então acho que é uma troca constante, (...)

(Depoimento da Supervisora Carla)

Há uma complexidade de atividades na prática docente que parecem não permear as disciplinas da licenciatura, a não ser por sua própria aplicação na disciplina, como a avaliação. O licenciando é avaliado em suas disciplinas, mas parece não haver espaço para a discussão sobre como elaborar uma avaliação, critérios de notas, entre outras demandas. Destacam-se elementos que foram denominados 'comportamentos', que são saberes docentes (lidar com alunos, portar-se diante de situações diversas que surgem no dia a dia, etc.). Notamos, ao final da fala do supervisor, um dado importante: o reconhecimento de que o estagiário o ajuda em suas atividades como docente.

A visão de que o estagiário é um auxiliar em sala de aula percorre as falas de alguns depoentes e se enquadra em uma das motivações de aceite em recebê-los, visto que sua presença é de grande valia, por exemplo, ao professor que tem de lidar com uma sala de aula com muitos estudantes.

Carla: Eu acho que para mim é importante, porque me ajuda no meu trabalho, porque eu gosto que eles me auxiliem na sala de aula, (...). Então na forma como a gente trabalha demanda muito do professor ficar circulando na sala de aula e uma vez que os estagiários estão envolvidos nas atividades, facilita muito as intervenções(...).

(Depoimento da Supervisora Carla)

Uma das condições docentes que se faz presente na prática profissional dos depoentes são as salas de aulas com muitos estudantes, beirando a lotação, o que dificulta um atendimento individualizado aos estudantes. Ao ter o estagiário como um auxiliar em sua sala, o supervisor passa a ter um respaldo de outro profissional, ao lidar com as questões individuais de aprendizagem de seus alunos, o que lhe diminui a carga de trabalho.

Ana: (...) porque nós temos muitos estudantes numa sala só e quando a gente tem estagiários, a gente consegue que os alunos estejam mais atentos, mais participativos. Porque não é um professor para 40 [alunos], a gente agora teria, na cabecinha deles, teoricamente dois (...).

(Depoimento da Supervisora Ana)

O estagiário assume, então, uma posição de auxiliar do professor no atendimento às dúvidas individuais, ampliando um acolhimento que era dificultado pela grande quantidade de estudantes em uma mesma sala de aula. O alívio que o estagiário traz para o supervisor é notório em seu depoimento e, como já citado, esse auxílio não se resume a, somente, essa prática. Ao abrir espaço para o estagiário manifestar o que sente vontade de participar nas atividades profissionais, e, ao confiar, auxiliar, mediar e conduzir, de forma reflexiva, essa atividade, a ajuda pode vir em diversas outras práticas, como a avaliativa, tanto na elaboração como na correção. Mas há de se considerar que mesmo esse auxílio, majoritariamente, deve ser atribuído ao estagiário com um acompanhamento muito próximo do supervisor, pois são nesses momentos de trocas que ambos refletem e podem ressignificar ou aprender novos saberes ou conhecimentos. Assim, podemos observar que há aprendizagens nas ações dos estagiários como professores auxiliares.

A motivação para receber estagiários perpassa também, segundo os relatos dos supervisores, por um sentimento de retribuição, pois, em sua formação inicial, passaram pelo momento de realizar seus estágios, então, como uma via de mão dupla, retribuem esta ação, atuando como supervisores.

Diego: Oh, da mesma maneira como na minha época eu fiquei feliz de alguém ter [me] aceito, não é? Você acaba ajudando os outros alunos, futuros professores, então esse é um dos motivos que eu aceito (...).

(Depoimento do Supervisor Diego)

Resumidamente, concluímos que os aceites dos supervisores se baseiam nas contribuições que podem fornecer aos estagiários, apresentando o cotidiano escolar e suas demandas; nas contribuições do auxílio em sala de aula pelos estagiários, com os

atendimentos individualizados aos estudantes e outras demandas da função docente e no caráter de retribuição à formação que tiveram, por, também, um dia, terem sido aceitos como estagiários.

Notamos, nos depoimentos dos supervisores, que na questão do aceite dos estagiários não foi citado qualquer tipo de incentivo para exercerem essa função. Perguntamos a eles se recebiam algum incentivo de alguma forma, e destacamos trechos de dois depoimentos.

Bia: Nenhum! Eu recebo porque eu gosto mesmo, mas nunca recebi nada. Geralmente é como eu te falei (...), ele pede na escola, provavelmente porque deve ser perto da residência, e o diretor aceita, na verdade ele sempre está me perguntando se eu aceito, eu aceito, ele me encaminha e só. Eu não tenho incentivo nenhum, nem contato.

(Depoimento da Supervisora Bia)

Carla: Não, a única coisa que tem é que orientação conta como pontos no relatório. É a pontuação do relatório, quando você orienta alguém isso conta pontos no relatório e entra na carga horária. Não sou obrigada a cumprir, mas se eu recebo o estagiário ela conta na carga horária. (...) Não necessariamente eu tenho que orientar, mas se eu orientar isso está pontuando. (...) As coisas que eu faço, elas pontuam e uma delas é a orientação.

(Depoimento da Supervisora Carla)

Os supervisores foram unânimes em suas repostas negativas, concordando que não há incentivos para que recebam estagiários, citando ainda o fato de outros professores os interrogarem por aceitarem supervisionar estagiários, pois, de acordo com eles, não há ganhos para o supervisor, pelo contrário, há um aumento de responsabilidades e de trabalho em seu cotidiano escolar. Carla, como professora da carreira de Educação Básico Técnico Tecnológica (EBTT), com dedicação exclusiva de 40h semanais, tem computado nelas e, entre suas atribuições, a atividade supervisiva, o que acreditamos que deveria também acontecer nas outras redes e esferas de ensino.

Os supervisores foram inquiridos sobre a sua compreensão da atividade supervisiva e quais as suas ações como supervisores. As suas respostas foram congruentes no sentido de que o supervisor está ali para mostrar seus planejamentos, experiências, vivências e atitudes ante sua sala de aula. Trouxemos dois trechos dos depoimentos.

Diego: (...) é para que eles possam participar da vivência da sala de aula, do dia a dia, que não é a mesma coisa do nosso teórico para a nossa prática.

(Depoimento do Supervisor Diego)

Carla: (...) essa questão de supervisionar, eu acho que é eu tentar passar para eles tudo o que está passando na minha cabeça, todos os meus sentimentos. Então tipo assim, tudo que eu preciso fazer para atuar, tudo o que eu planejo e tudo que eu executo, eu tento falar para eles 'olha eu aqui eu tenho que fazer isso, aqui eu faço tal coisa, eu tenho que preparar tal material' e as minhas dificuldades, também, dentro do contexto escolar, também, eu falo

para eles 'olha só, nós estamos sem xerox, olha só a minha realidade é essa'. Então eu falo para eles do meu contexto de sala de aula, do meu contexto de aluno e do meu contexto escolar também eu tento falar um pouco para eles também.

(Depoimento da Supervisora Carla)

Os depoimentos estavam em consonância com a finalidade da atividade supervisiva: a apresentação de suas ações e atitudes, planejamentos e organização, pensamentos e reflexões, ou seja, apresentar o seu cotidiano profissional. O enfoque ficou na observação da própria prática do supervisor e, algumas vezes, os estagiários eram convidados a refletir sobre essa prática, oriundos de questionamentos do próprio supervisor. Foram citadas também questões que extrapolam a prática docente, como disse a supervisora Carla sobre as condições da escola, que interferem em sua prática.

A complexidade da atividade docente também foi retratada pelos supervisores no que tange ao tempo de duração do estágio ser muito curto para que consigam acompanhar as diversas demandas docentes, inclusive aquelas que fogem do escopo do conteúdo lecionado.

Solicitamos aos supervisores que nos dissessem como se viam no papel de formadores docentes, e os seus relatos se aproximaram ou mesmo repetiram o que já expusemos anteriormente, pois eles nos contaram como entendem sua função, explicando e informando, aos estagiários, sobre os planejamentos, atitudes, ações e acontecimentos das aulas. Nesse momento da entrevista, pedimos que falassem sobre sentimentos, como se sentiam sendo supervisores, e seus depoimentos se aproximaram, de modo que todos disseram sentir uma satisfação em poder auxiliar os estagiários em sua construção profissional docente. Abaixo, um dos trechos dos depoentes.

Carla: Gratificante. Quando eu vejo que eles conseguiram aplicar o que eles querem, né? eles querem, mas assim é sobre minha orientação. Eu sinto gratificante, eles conseguindo aprender às vezes até agradecem "não professora, era bem diferente do que eu pensava".
(Depoimento da Supervisora Carla)

Destacamos, para além dos bons sentimentos que a supervisão gerou em seus supervisores, algumas questões pontuais apresentadas nesses depoimentos, entre elas, o 'querer fazer diferente', em relação ao estágio que realizaram como estudantes de licenciatura, encontrando desde supervisores que não dialogavam, a situações em que assumiram as regências de aula, sem qualquer tipo de supervisão. Outro aspecto relevante foi a percepção da aprendizagem individualizada no estágio, de acordo com as vivências anteriores que os estagiários têm, incluindo alguns que já têm bastante experiência em sala de aula, desenvolvida em cursos preparatórios para vestibulares, que não exigem, do

docente, uma formação acadêmica, por exemplo. Observamos também o caráter de trocas profissionais que os supervisores disseram acontecer quando se colocam disponíveis a ouvir os estagiários, e que eles dizem acrescentar novos repertórios para sua prática docente. Por último, destacamos as possibilidades formativas que acontecem quando os estagiários se colocam em reflexão sobre o que observam nas aulas e nos momentos de supervisão.

Perguntamos aos supervisores como era o contato com o professor Orientador no início e ao longo do semestre, e suas repostas se alternaram entre não ter nenhum contato, ou ter algum contato, mas que ele se fazia restrito a assuntos burocráticos e organizacionais. Dessa forma, o contato, por exemplo, acontecia apenas em caso de acerto de horários das aulas que os estagiários acompanhariam ou, em casos mais específicos, de determinados comportamentos que eram considerados inadequados naquele contexto. Como a entrevista era semiestruturada, depois de ouvirmos esses depoimentos, inquirimos os supervisores em relação à existência de alguma troca profissional no sentido de conhecimentos e saberes sobre a atividade supervisiva, e a resposta unânime foi negativa, como encontramos em partes dos depoimentos.

Diego: Não, só com os alunos. Isso é o que acho que está faltando, esse contato, porque o professor assume uma cadeira lá, uma cadeira de estágio, só que é ... eles também deveriam vir, ir às escolas, participar daquela vivência do aluno.

(Depoimento Supervisor Diego)

Bia: (...) ela perguntou se eu poderia receber um estagiário, e eu gosto, então foi supertranquilo isso. Mas não, foi o único caso que eu tive assim, mais próximo com quem me encaminha. Todos os outros casos que eu já tive, eu tenho 15 anos de profissão, nunca conheci quem me encaminhou.

(Depoimento Supervisora Bia)

A atividade supervisiva foi relatada pelos supervisores de acordo com sua compreensão, e não encontramos, nos depoimentos anteriores, referências a algum modelo que sigam ou que haviam recebido alguma orientação ou norteamento sobre como agir. Alguns descreveram inclusive que o próprio estagiário vai ao encontro da escola, sem qualquer acompanhamento da Universidade, e que, após o aceite da escola/professor, há apenas um documento de estágio que deve ser assinado pelo responsável da instituição que o recebe.

Entendemos, nesse contexto, que não houve qualquer contato com o professor Orientador, e os supervisores que relataram a existência de algum contato, informaram que ele se restringe a questões organizacionais, burocráticas ou a casos especiais de alguns

estagiários. Foi ainda citado um embasamento para a supervisão relativo à apresentação da ementa da disciplina, que o estagiário pode ou não apresentar a seu supervisor. Questões concernentes ao que tem sido trabalhado nas salas de aula, em que o estagiário observa como tem ocorrido essa supervisão, parecem também não chegarem aos Orientadores. O que nos indica esses depoimentos é que há um distanciamento entre a escola receptora do estagiário e a universidade, em ambos os sentidos, já que nem o supervisor é convidado a participar de atividades do estágio na universidade e nem o orientador participa do cotidiano escolar.

O Supervisor Diego reafirma essa situação como um dificultador do estágio, a falta de diálogo entre as instituições e seus representantes. Sugere ainda que o caminho seja de mão dupla, que contribuições profissionais aconteçam em ambos os lados, que o Orientador frequente as escolas que recebem os estagiários, e que o Supervisor frequente a Universidade.

Solicitamos aos entrevistados que compartilhassem se há e quais são as implicações que trazem para a sua prática docente ao receberem estagiários. Todos disseram que aprendem com seus estagiários e que, para que aconteça esse movimento, ambos, supervisor e estagiários têm de se sentir à vontade para compartilharem, entre si, seus pensamentos e reflexões sobre a prática cotidiana escolar. Os depoimentos se aproximaram em relação às trocas de conhecimentos e saberes entre supervisor e estagiário, momento no qual o supervisor, com ouvido atento ao seu estagiário, revê sua prática por meio das informações passadas e indicadas. Podemos ponderar o acontecimento de uma ressignificação de sua própria prática, visto que alguns depoentes questionam os estagiários sobre como eles têm percebido que ela acontece e os ouvem atenciosamente. Um ponto que se destaca entre os depoimentos reside nos conhecimentos do conteúdo pelo supervisor, o estagiário pode contribuir para uma nova maneira de resolução de determinado exercício, ou mesmo a forma como o supervisor o apresenta para seus estudantes, ou seja, com o conhecimento do conteúdo para o ensino, colaborando por meio de novas metodologias e indicações de atividades. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) também foi citado por alguns supervisores, que pensam na renovação de seu repertório ao longo do tempo, visto que as tecnologias estão em constante progressos e mudanças, e os estagiários estão trazendo-as como metodologia das aulas que ministram no estágio.

Finalizamos as entrevistas, deixamos um espaço aberto para que os supervisores pudessem comentar sobre algo pertinente à supervisão e que não foi abordado ao longo do depoimento. Alguns supervisores descreveram atitudes negativas de estagiários, não só nessa pergunta, mas ao longo das entrevistas. Um dos motivos dos comportamentos indelicados reside no fato de que alguns estagiários já tinham alguma experiência docente e não viam, naquele momento, um espaço formativo; outros, por desconhecimento dos objetivos do estágio. Em ambos os casos, os supervisores consideraram a falta de orientação e instrução oriundas da universidade, no conhecimento do que é o estágio, como resultantes desses comportamentos descorteses. O estagiário poderia ser orientado, na universidade, de que aquele momento é um momento formativo, de trocas, de conhecimento, e que a formação docente é um *continuum* ao longo da carreira, mas que, para isso, ele tem de estar disponível para repensar, refletir e, às vezes, redefinir sua prática. Deveria se unir à orientação de quais os objetivos do estágio, ouvir com interesse o que os estagiários querem e desejam aprender naquele momento. Unir esses dois processos parece um caminho formativo interessante para aquele que adentra o estágio, mas, em contrapartida, une-se outro fator a esse comportamento inadequado, que reside no fato da ausência de conhecimento sobre a compreensão da atividade supervisiva, por parte do supervisor. O que nos parece uma boa partida é o diálogo aberto, em que todos tenham voz, entre os três agentes principais, Orientador, Supervisor e Estagiário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade supervisiva, segundo os depoimentos que coletamos, deixa-nos reflexivos sobre como tem se desenvolvido, de forma que podemos considerar amadora, diante da falta de uma designação mais objetiva das suas funções e diante do fato de não ser tratada como parte de suas atividades profissionais. Carecemos de um esclarecimento das finalidades próprias do estágio que tem se concebido como parte prática do curso de Licenciatura em Matemática, distante das disciplinas teóricas da universidade. Esse distanciamento teórico-prático dos conhecimentos e saberes se aprofunda também no campo das trocas e possibilidades profissionais entre as instituições escola campo e universidade, tratado, pelos Supervisores, como uma falta de diálogo com os Orientadores. Permanece de tal forma a dicotomia entre teoria e prática, e universidade e escola, enquanto desejamos a aproximação dialógica entre eles.

Relatadas as faltas de incentivo pelos Supervisores para receberem estagiários, encontramos professores da escola de campo dispostos, mesmo assim, a contribuir para a formação dos Licenciandos, disponibilizando, a eles, a observação de sua prática e a permissão para que atuem, com eles, em suas diferentes atividades da prática docente. Além da contribuição, ao apresentarem a docência por meio de suas perspectivas, os supervisores se sentem dispostos a retribuírem a ação de quem, um dia, também foi estagiário e foi recebido nas escolas. Suas ações são reflexos de sua construção como docentes, com influências positivas de atitudes que são louváveis de serem repetidas ou reconstruídas, e das negativas, com o intuito de se afastarem e se livrarem delas.

Ao abrirem as portas de suas salas de aula, os Supervisores abrem também espaços para reflexões, compreensões e redefinições sobre didáticas, metodologias, comportamentos, não somente pelos estagiários, mas também por eles, que, se colocando disponíveis a ouvir os Licenciandos, podem ter outras perspectivas sobre suas salas de aulas.

Os estagiários aparecem também para favorecer a diminuição das condições duras de trabalho que o Supervisor lida cotidianamente, ao auxiliarem-no em salas de aulas abarrotadas de estudantes, que carecem de um atendimento individualizado. Os licenciandos vão, então, em auxílio ao professor, de mesa em mesa, com o intuito de ajudar os estudantes com dúvidas a saná-las.

A tríade Orientador, Supervisor e Estagiário tem muito a construir em comum, com uma troca de experiências profissionais, por meio de um diálogo que seja próximo e atento. Os relatos dos Supervisores foram de aprendizados com os estagiários sobre novas metodologias e uso das tecnologias, por exemplo. Mas falta estreitar ainda mais esses laços profissionais levando o Supervisor à universidade e o Orientador à escola, como parte da coformação dos estagiários que eles orientam e supervisionam.

Concluímos, então, que a atividade supervisiva se constitui como uma miscelânea de construções pessoais e, um tanto, amadoras, sob a perspectiva de seus atores. O que se aproxima são as ideias de que o Supervisor apresenta sua prática, ações, atitudes e comportamentos diante dos estudantes e da escola em que estão inseridos. Os supervisores recebem os estagiários com o sentimento de gratidão por um dia também terem sido acolhidos e por entenderem a importância da formação prática, permitem que os licenciandos se envolvam nas diversas atividades cotidianas que possuem. Os supervisores apontam os estagiários como um auxílio à sua prática diante de salas de aulas

lotadas, com um atendimento mais próximo e individualizado a seus estudantes. Relatam a falta de compreensão de suas funções e esperam, da universidade, um norteamento que os ajude nesta ação como formadores. Sentimos falta de um reconhecimento dos Supervisores como formadores, políticas públicas que fundamentem suas ações e lhes concedam incentivos para realizarem sua atividade.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, C. P., & Lopes, C. E. (2021). Uma análise da produção acadêmica brasileira sobre o Estágio Curricular Supervisionado nos cursos de Licenciatura em Matemática. *Revista De Educação Matemática*, v.18, 8-30.
- Benites, L. C., Sarti, F. M., & Neto, S. S. (2015). De mestres de ensino a formadores de campo no estágio supervisionado. *Cadernos de Pesquisa*, v.45(155), 100-117.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, v.2(1), 68-80.
- CAPES (2010). Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência–PIBID e dá outras providências. Brasília: CAPES.
- CAPES. (2018). Residência Pedagógica. Portaria Gab. nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. Brasília: CAPES.
- Fiorentini, D., & Castro, F. C. (2003). Tornando-se professor de matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In D. Fiorentini (org.), *Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares*. (pp. 121–156). Campinas: Mercado das Letras.
- Fiorentini, D., & Lorenzato, S. (2006). *Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos*. Campinas: Autores Associados.
- Garnica, A. V. M. (2008). Um ensaio sobre as concepções de professores de Matemática: possibilidades metodológicas e um exercício de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v.34(3), 495-510.
- Gonçalves Júnior, M. A. (2015). *Perscrutando diários de aulas de matemática do estágio supervisionado da licenciatura em matemática: reorientando histórias e investigações*. (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Gonçalves, L. F. E. (2016). *Formação em supervisão e orientação de estágios em educação básica*. (Dissertação de Mestrado) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Lei n. 11.788 de 25 de setembro de 2008. (2008) Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis n. 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória n. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm

Lopes, A. R. L. V., Paiva, M. A. V., Pereira, P. S., Pozebon, S., & Cedro, W. L. (2017). Estágio Curricular Supervisionado nas licenciaturas em Matemática: reflexões sobre as pesquisas brasileiras. *ZETETIKÉ. Revista de Educação Matemática*, v.25(1), 75-93.

Maciel, E. M. (2015). *APRENDIZAGENS DOCENTES DE PROFESSORES SUPERVISORES DE ESTÁGIO: desvendando horizontes formativos*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil.

Ministério da Educação (2001a). Parecer CNE/CP 9 de 8 de maio de 2001. Brasília: MEC.

Ministério da Educação (2001b). Parecer CNE/CP 27 de 2 de outubro de 2001. Brasília: MEC

Ministério da Educação (2001c). Parecer CNE/CP 28 de 2 de outubro de 2001. Brasília: MEC

Teixeira, B. R., & Cyrino, M. C. C. T. (2013). O estágio supervisionado em cursos de licenciatura em Matemática: um panorama de pesquisas brasileiras. *Educação Matemática Pesquisa*, v.15(1), 29-49.

NOTAS DA OBRA

TÍTULO DA OBRA

A Atividade Supervisiva em Estágio de Matemática sob o olhar de quatro Supervisores experientes

Juliano Pereira da Silva
Mestre em Educação Matemática
Universidade Federal de Minas Gerais, Colégio Técnico - COLTEC, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
julianops@ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0002-4405-0152>

Samira Zaidan
Doutora em Educação
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
samira@fae.ufmg.br
<https://orcid.org/0000-0001-7163-5546>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Brasiléia, 233, apto 102, CEP 31340090, Belo Horizonte, MG, Brasil

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos quatro professores supervisores que contribuíram com seus depoimentos para a realização desta investigação.



CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. P. Silva, S. Zaidan

Coleta de dados: J. P. Silva

Análise de dados: J. P. Silva, S. Zaidan

Discussão dos resultados: J. P. Silva, S. Zaidan

Revisão e aprovação: J. P. Silva, S. Zaidan

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Pesquisa Aprovada Pelo Comitê de Ética em 18 de dezembro de 2022. Número do Parecer 5.824.525.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Revemat** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Grupo de Pesquisa em Epistemologia e Ensino de Matemática (GPEEM). Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL – uso exclusivo da revista

Mérciles Thadeu Moretti
Rosilene Beatriz Machado
Débora Regina Wagner
Jéssica Ignácio
Eduardo Sabel

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 08-08-2023 – Aprovado em: 09-11-2023

